

Valor, quinta, 22-12-05

Uma obra pobre sobre a pobreza

Por José Eli da Veiga, para o Valor De São Paulo

Não procure em "O Fim da Pobreza", livro que Jeffrey D. Sachs acaba de lançar no Brasil, um conceito de pobreza. A dificuldade foi driblada com adjetivos que racham o fenômeno em três fragmentos: pobreza extrema, moderada e relativa. A pior, também chamada de pobreza absoluta, ou de miséria, ocorre quando não são satisfeitas sequer as necessidades básicas para a sobrevivência humana. Miseráveis são os que sofrem de fome crônica, não dispõem de água potável e esgoto, e muitas vezes nem de abrigo ou sapatos.

A pobreza passa a ser vista como moderada quando necessidades básicas chegam a ser satisfeitas, mas com muita dificuldade. E tende a ser promovida ao primeiro escalão - de pobreza relativa - quando a renda familiar fica abaixo de determinada proporção da renda média nacional, de tal modo que indique falta de acesso aos privilégios básicos da mobilidade social ascendente: longevidade, educação de qualidade, bens culturais, entretenimento e recreação.

É até provável que tal drible seja bem aceito, pois evita dificuldades conceituais que poderiam ser maçantes. Todavia, mesmo leitores predispostos a esse tipo de preguiça mental deveriam ter o direito de ser informados sobre a existência de um indicador de pobreza legitimado pelas Nações Unidas, por meio de seu Programa para o Desenvolvimento, o PNUD. Só foi possível chegar a ele por clara rejeição das perspectivas das "necessidades básicas" e do "rendimento" em favor da perspectiva das "capacidades".

"A abordagem pelas capacidades - diz o PNUD - reconcilia as noções de pobreza absoluta e relativa, já que a privação relativa de rendimentos e de bens pode conduzir a uma privação absoluta das capacidades mínimas." E foi esse o conceito de pobreza que permitiu a construção do IPH, Índice de Pobreza Humana, que vem sendo calculado anualmente desde 1997.

É provável que Jeffrey D. Sachs rejeite essa abordagem oficial da ONU, mesmo que permaneça assessor especial do secretário-geral Kofi Annan. Mais um motivo, então, para que os leitores tivessem a chance de conhecer as razões da discordância. Em vez disso, preferiu esconder a diferença de concepção, e até a própria existência do referido índice. Postura obscurantista que só se agrava em outras partes do livro, principalmente quando apresenta sua visão sobre o desenvolvimento econômico.

Segundo o autor de "O Fim da Pobreza", o desenvolvimento econômico assemelha-se a uma "escada", e a maior tragédia contemporânea é que um sexto da humanidade ainda nem chegou a seu primeiro degrau. Fundamentalmente porque pertence a comunidades que não "decolaram".

Exatamente a tese formulada em 1959 por W.W. Rostow, então professor de

história econômica do MIT. Uma tirada cartesiana, mas que teve o grande mérito de turbinar um profícuo debate, do qual participaram todos os grandes economistas das gerações dos avós e pais de Jeffrey D. Sachs, e cujos principais resultados foram na direção oposta. Um dos mais significativos produtos desse confronto foi a concepção do desenvolvimento como processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam. Enfoque que contrasta com visões mais restritas, que o identificam com crescimento do PIB, aumento das rendas pessoais, industrialização, avanço tecnológico ou modernização social.

Outra vez, o autor tem todo o direito de divergir. Não apenas do maior inspirador dessa nova visão do desenvolvimento, Amartya Sen (Prêmio Nobel de Economia em 1998), como de Douglass North (idem em 1993). Ou mesmo do grande historiador David Landes, para citar apenas três notáveis pensadores que ajudaram a superar essas primárias imagens de "escada" e "decolagem" (cujos créditos deveriam, aliás, ter sido atribuídos ao autor de "Etapas do Desenvolvimento Econômico", editado pela Jorge Zahar)

Mas não. Nesse novo livro de Sachs tudo se passa como se tal debate tivesse sido inútil e esses autores nem existissem. Há uma única e superficial menção a Amartya Sen, mas sobre a questão específica da fome crônica. E no derradeiro capítulo o autor chega à desfaçatez de afirmar que a idéia atual de progresso econômico continua idêntica à dos iluministas. Com direito a um panegírico à obra de Immanuel Kant, e silêncio sobre a herança hegeliana, além de louvores ao Marquês de Condorcet, sem menção a Denis Diderot.

Há o que aprender, apesar de tudo, na parte que escancara a incoerência da chamada "comunidade internacional". Ela anuncia pretensões ousadas, como as Metas de Desenvolvimento do Milênio, e até maneiras de alcançá-las, como a promessa de aumento da assistência dos doadores contida no Consenso de Monterrey. Na prática, entretanto, tais metas expressam apenas aspirações vagas, em vez de objetivos operacionais.

O que está longe de ser suficiente para que pudesse ser abalado o forte otimismo do autor. Um otimismo que revela até onde vai a ingenuidade de estrelas que ascendem no horizonte acadêmico das ciências econômicas nos EUA. Por exemplo, quando diz: "Ainda lembro de perguntar: Como assim? Eles não vão ao médico? Têm aids, mas não vão ao médico? Seus filhos sofrem de anemia causada pela malária e não são tratados? Como isso é possível? Vocês sabem, existem tratamentos para aids e malária. Como assim, não há medicamentos aqui? Como assim, não há programa de tratamento? Como assim, a USAID não está fazendo nada? Como assim, há anos o Banco Mundial não tem um programa de aids ou malária neste país? Essas eram perguntas básicas que eu jamais fizera antes de ir à África. Por estranho que pareça, os outros economistas também não as haviam feito, inclusive aqueles que lideravam missões do FMI e do Banco Mundial à África".

Claro, a vontade de atingir e sensibilizar o grande público dos países mais desenvolvidos está explícita desde o prefácio do vocalista da banda U2, Bono, que na edição original foi anunciado em letras vermelhas e chamativas na capa, na lombada e contracapa. É uma obra dirigida a jovens leitores de países que há muito tempo detonaram os alicerces da pobreza. De sociedades prósperas e fartas, da abundância e do desperdício, ameaçadas pelo egoísmo, a indiferença, o fechamento em si próprias, como enfatiza o embaixador Rubens Ricupero em seu astuto prefácio à edição brasileira.

O livro talvez não seja de todo inútil em países que estão longe de ter resolvido o problema da pobreza. Mas essa utilidade certamente se circunscreve aos 11 mapas inseridos entre as páginas 254 e 255, e aos capítulos 5 a 10, que relatam proezas do autor naquilo que denomina "economia clínica", por ele praticada na Bolívia, Polônia, Rússia, China, Índia e África. Pois é deplorável o conteúdo dos outros 12 capítulos.

Enfim, é muito raro que um livro cause tanta decepção quanto este. Afinal, o imenso prestígio conquistado pelo autor - incluído pela revista "Time" entre as cem pessoas mais influentes do mundo - não autorizava supor que viesse a publicar coisa tão arbitrária. Uma hipótese explicativa plausível é que esteja agora sonhando com o diplomático Nobel da Paz, e não mais com o científico de Economia.

José Eli da Veiga, professor titular do Departamento de Economia da FEA/USP e autor do livro "Desenvolvimento Sustentável - O Desafio do Século XXI" (Ed. Garamond, 2005)

"O Fim da Pobreza" - De Jeffrey D. Sachs. Companhia das Letras. 472 páginas, R\$ 55